

> Tentativa II

> Attempt II

por Omar Salomão

Mestre em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio e doutorando em Romance Languages em Romance Languages and Literatures com secondary field em Critical Media Practices pela Harvard University. E-mail: omarsalomao@g.harvard.edu. Orcid: 0000-0001-6076-6444.

> Ensaio visual recebido em 09.04.2021 e aceito em 16.04.2021.



Tudo se embaralha na minha cabeça, cemitérios e núpcias e os diferentes tipos de evacuação. Meus pertences eram poucos, eles os tinham empilhado no chão, junto à porta, ainda vejo a pequena pilha que aquilo fazia, na espécie de nicho escuro entre o corredor e o meu quarto. Foi nesse espaço estreito, fechado por três lados, que tive de me trocar, isto é, substituir o roupão e o pijama por roupas de viagem, isto é, meias, sapatos, calças, camisa, paletó, sobretudo e chapéu, espero não ter esquecido nada. Tentei outras portas, girando a maçaneta e empurrando, antes de deixar a casa, mas nenhuma cedeu.

Samuel Beckett, *Primeiro Amor*

Sempre pode falhar. Estava escrito na minha frente como um aviso, mas não é sempre que lemos os avisos. O normal é nos acostumarmos com eles e pararmos de vê-los; tornam-se invisíveis, mais um ruído filtrado no sem fim que nos atravessa. “Sempre pode falhar” foi transferido da fala de algum artista que já não lembro para um *post-it* amarelão tamanho grande e grudado na parede à minha frente e exatamente à altura dos olhos: se deixo de olhar a tela do *laptop*, está lá. Mas, quando se está falhando, o amarelo se camufla com o branco da parede e aos demais *post-it* ao seu redor. Um deles diz: “não dar importância à importância” (como identificar?). Agora, ao contrário, ele se destaca; a parte de baixo, sem cola, se afasta da parede como se avançasse em minha direção. É um aviso, me avisando, e vai continuar assim até eu arrancá-lo dali, e só sobrar o postal vagabundo ao lado, grudado na parede há tanto tempo que levará consigo um naco de massa velha da parede quando precisar sair. Meu irmão e a esposa trouxeram pra mim de viagem depois de bravamente atravessar as filas em Amsterdam para entrar no Museu Van Gogh, depois os corredores de salas e quadros, até, por fim, chegar na lojinha de souvenirs. Não gosto muito dessa imagem. O azul. Já quase não a vejo, não fazia diferença, mal existia ali. *Landscape with houses*. Paisagem com casas. Foi pintado em maio de 1890 em Auvers-sur-Oise, ano e local de morte, dois meses depois, de Van Gogh. Pouco mais de um ano após o forte surto delirante que resultou em uma orelha decepada, Van Gogh deixa o hospício de Saint-Remy e chega em maio no vilarejo para ficar mais próximo do irmão. A obra é pintada em tons de azuis, os telhados das casas se confundem com a copa das árvores e os arbustos, as cercas. As casas são também a paisagem, pequenas colinas ou a espuma das ondas nesse pequeno e imenso azul. Cortando o meio, branca – papel apenas, toda fundo, crua –, uma rua se destaca com alguma retidão em uma realidade que ondula e nada se firma. Tudo se mistura e parece escapar. O fio, o centro, é também o caminho.

Me alonguei um pouco nessa imagem. Ainda não havia me detido nela. Enxergado. Agora brilha e abre um buraco fundo na parede. Quanto mais eu olho, menos vejo as casas e a paisagem, sinto a entorse. Gira. Lembro das palavras do pintor abstrato Robert Motherwell:

É perfeitamente possível, no meu trabalho, ver uma janela ou ver uma onda quebrando no mar ou ver um urso de pelúcia se você quiser, mas esse não é o assunto real. Você não precisa pintar uma imagem para expressar sentimentos humanos.¹

Abstrato deriva do latim *abstractus*: retirar². Segundo Motherwell, o ponto chave da pintura abstrata está em colocar a ênfase do trabalho no sentido, livrando-se do excesso de realidade³. A distorção e a torção do significante para expressar algo que a representação não chega. Gilles Deleuze, ao comentar a obra figurativa de Paul Cézanne, fala em um lugar similar, de pintar a sensação, entretanto, se interessa pela figura que “age imediatamente sobre o sistema nervoso, que é carne” (a arte abstrata falaria antes ao cérebro). A sensação. Segundo Deleuze, é o nome que Cézanne dá à Figura que ultrapassa a figuração (tanto ilustrativa quanto narrativa): sensação.

A sensação é o contrário do fácil e do lugar-comum do clichê, mas também do "sensacional", do espontâneo etc. A sensação tem um lado voltado para o sujeito (o sistema nervoso, o movimento vital, o "instinto", o "temperamento", todo um vocabulário comum ao Naturalismo e a Cézanne) e um lado voltado para o objeto ("o fato", o lugar, o acontecimento). *Ou melhor, ela não possui lados: ela é as duas coisas indissolivelmente, é ser-no-mundo, como dizem os fenomenólogos: ao mesmo tempo eu me torno na sensação e alguma coisa acontece pela sensação, um pelo outro, um no outro.* Em última análise, é o mesmo corpo que dá e recebe a sensação, que é tanto objeto quanto sujeito. Eu como espectador só experimento a sensação entrando no quadro, tendo acesso à unidade daquele que sente e do que é sentido.⁴

Pintar a sensação. É o que o desorientado Van Gogh faz em linhas sinuosas. Ele pintava ao ar livre quando resolveu dar um tiro em seu peito e encerrar sua existência. Ressoam vozes. Lima Barreto escrevendo “Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que peço dela”⁵ em seus diários durante sua segunda internação num hospício. Lima Barreto é lúcido e consciente de si, de sua existência, mas titubeia e teme a loucura e a morte (se é que há diferença...). Luta para não se deixar torcer pelo cosmos: “Não quero morrer; quero outra vida.”⁶ Tentativa de

¹ Documentário *Robert Motherwell & the New York School: Storming the Citadel*, 1991, dirigido por Catherine Tatge.

² Daí o resumo ser *abstract*.

³ Na tradição mística islâmica Sufi existe um conceito chamado de aniquilação – livrar-se da existência mundana humana, para na não-existência poder alcançar a existência, o Real, mas deixemos isso para outro momento.

⁴ Gilles Deleuze, *Francis Bacon: a lógica da sensação*, 2007, p. 42. Em negrito, grifo meu.

⁵ Lima Barreto, *Diário do hospício & O cemitério dos vivos*, 2017, p. 36.

⁶ *Ibidem*, p. 45.

existência. “E eu não sei morrer.”⁷ Luta e a voz profunda. Nessa luta, só a voz não falha. Se falhar, perde-se a vida. “Suicidou-se no Pavilhão um doente. O dia está lindo. Se voltar a terceira vez aqui, farei o mesmo. Queira Deus que seja um dia bonito como o de hoje”⁸. Na pressão do território dos loucos, Lima Barreto se equilibra entre o arriscado manter-se ali até fortalecer, firmar, seu, digamos, eixo; manter-se si, são. “O médico me ofereceu alta, mas não aceitei já porque só quero sair depois do carnaval.”⁹ Ou retornar ao mundo livre e se perder novamente. “Esqueço de que são loucos e dá-me vontade de vociferar. Vou pedir alta, para não dar essa demonstração de loucura.”¹⁰ Ali, naquelas pessoas que desafiam limites, que cruzam as fissuras da razão sem aviso, Lima Barreto escreve, pois é o lugar, na escrita, onde encontra controle e energia. De se manter existindo. Como escreve David Lapoujade: “Não existimos por nós mesmos; só existimos realmente porque fazemos existir outra coisa. Toda existência precisa de intensificadores para aumentar sua realidade.”¹¹ Onde encontra possibilidades, possíveis para não se esgotar.

Abro um parêntese aqui para o Carnaval – que Lima Barreto evita (ele é internado depois de um surto durante uma noite de bebedeira). “Esse dia improvável em que os loucos representam os loucos”¹²: dia 2 de março de 1954, quando Foucault é convidado para assistir aos desfiles da terça de carnaval na Turgóvia (Suíça). No ensaio “O bloco dos sem-razão”, Jean-François Bert investiga o encontro de Michel Foucault com os blocos de loucos (do hospício de Münsterlingen) que desfilavam durante o carnaval, e teria sido um dos disparadores para o estudo *História da Loucura na Idade Clássica*. Observa Foucault: “curiosidade incomodada, um pouco assustada dos espectadores: o único dia em que se permitia aos loucos sair era para os outros rirem e se fazerem de loucos.”¹³ Risco de Lima Barreto, dentro do hospício, resguardado para não dobrar a curva da sanidade novamente no deslimite autorizado no Carnaval. Mais

⁷ *Ibidem*, p. 106.

⁸ *Ibidem*, p. 94.

⁹ *Ibidem*, p. 106.

¹⁰ *Ibidem*, p. 111.

¹¹ David Lapoujade, *Existências mínimas*, 2017, p. 24.

¹² Jean-François Bert, “O bloco dos sem-razão”, 2017, p. 30.

¹³ Michel Foucault *apud* Jean-François Bert, “O bloco dos sem-razão”, 2017, p. 32.

ainda, seu olhar dentro, entre os loucos, sem a certeza de estar se curando (longe da bebida) ou se intoxicando com a borda do absurdo. Escreve Lima Barreto: “Que dizer da loucura? Mergulhado no meio de quase duas dezenas de loucos, não se tem absolutamente uma impressão geral dela. [...] Não há espécies, não há raças de loucos; há loucos só. [...] Há uma nomenclatura, uma terminologia, [...] mas explicação não há”.¹⁴ Ah, os loucos!¹⁵



Lima Barreto escreve que não consegue morrer. Anota e guarda. Rogério Duarte, ao relatar o seu sequestro, prisão e tortura em 1968 durante a ditadura militar diz: “É preciso não contar como se tudo tivesse acontecido, é preciso estar ali todo o tempo necessário, é preciso morrer de medo”.¹⁶ Seu relato é escrito depois de retornado, depois de solto. Não pode, não podia escrever durante, quando foi levado no meio da rua daquele “tão íntimo e cruel mês de abril primeiro de abril 10 de abril 100 de abril mil de abril.”¹⁷ E ainda assim, depois:

Há uns quatro dias que não escrevo. É o medo na sua forma mais eficaz, aquela que não aparece em nenhum sintoma. Verifico que o medo agiu profundamente sobre este relato fazendo com que eu me mantivesse à superfície das situações mais difíceis. O medo é sempre o mesmo, o medo da vida ou da morte.¹⁸

¹⁴ Lima Barreto, *Op. Cit.*, 2017, p. 55.

¹⁵ Fecho o parêntese receoso, pensando nos descontrolados de agora, que se acumulam, não em carnavais, mas amontoados em ódios para se sentirem vivos, em símbolos que nem compreendem, estampando no peito o símbolo de uma corrupta Confederação de Futebol para clamar por justiça e tortura. Enrolados em egos e bandeiras. Com a certeza, alienista, de que os outros são todos loucos – loucos porque outros, porque estranhos. Nesse exato instante, eles comemoram em carreata pelas ruas, enquanto o restante, eu incluso, se confina em quarentena – para proteger não só a si, mas aos outros.

¹⁶ Rogério Duarte, “A grande porta do medo”, 2008, p. 59.

¹⁷ *Ibidem*, p. 63.

¹⁸ *Ibidem*, p. 71.

No depoimento intitulado “A grande porta do medo”, Duarte revisita não só a tortura (“continuar a escrever é continuar aquela noite”¹⁹) e a morte (“cair na tua morte é o modo de vomitar o suicídio. O labirinto, é duro, e sabemos a saída, mas as mãos são amarradas e as portas são cerradas”²⁰), mas o tremer do fio fino da razão. O que lhe restara era o diálogo com a loucura:

Quando eles nos privam de nossas referências, de nossa linguagem, só resta a lucidez solitária da loucura. A própria loucura não existe, mas a nossa incapacidade de responder às mensagens arriscadas dos alucinados. Só existe a nossa loucura e ela nós abandonamos nos cubículos do sono. Perde-se a razão como se perde um braço, um amigo, como se perde o bonde ou a esperança.²¹

Depois de dias de tortura e uma dura e fria noite na solitária, seu irmão diz, fraco, que chegou ao limite. Rogério escreve: “E eu me pergunto: chegamos naquela noite ao limite de quê?”²² A experiência radical do corpo e do eu. “É a morte do corpo ou a morte da alma? Ao escolher a sobrevivência, você perdeu o sentido da sua existência. Você não morre, mas se torna o que Fernando Pessoa chama de um cadáver adiado, porque nega sua alma.”²³ Quando as paredes desabam, em que se segurar? Que fio lhe segura? Todos estamos sós.

Trinta e cinco anos depois, Rogério Duarte diz: “Hoje eu percebo que não é eu, que não há eu, o que há é o tempo. O tempo que passa pela gente.”²⁴ Ando com essa frase no bolso. De verdade, anotei a primeira vez que li em um pedaço de papel, eu estava na rua e guardei na carteira.

¹⁹ *Ibidem*, p. 72.

²⁰ *Ibidem*, p. 73.

²¹ *Ibidem*, p. 79.

²² *Ibidem*, p. 69.

²³ Rogério Duarte, “A tropicália reprimida. Entrevista por Pedro Alexandre Sanchez”, 2008, p. 193.

²⁴ Rogério Duarte, “O retorno do maravilhoso. Entrevista por Sergio Cohn e Mariana Rosa”, 2008, p. 212.



O tempo nos atravessa. O tempo não muda, transforma. “Porque não basta esquecer uma coisa para que ela não continue a existir, só que não sabemos reconhecê-la”²⁵, escreve Jacques Lacan. Mas e as palavras? Para onde foram as palavras? Depois de solto, segue algo na carne que não liberta; Rogério Duarte ficou internado em hospícios pelos dois anos seguintes: “Minha opção foi me tornar um louco. EU tive que pirar.”²⁶

Na prisão, com o corpo esgotado, relata Ronaldo Duarte, o irmão, ao ter acesso aos livros da biblioteca do exército: “E me detive trêmulo a imaginar que eu seria diariamente torturado por ter nascido ‘gauche’ num mundo já sem lugar. Todos os livros acabavam por me levar ao tremor.”²⁷

A representação da palavra. A abertura do livro para possíveis diante de um corpo exaurido. Tremor. O desencontro das palavras, do qual fala Deleuze, para descrever as experiências do espírito: “deficiência das palavras em relação às coisas, o que condena uma palavra a designar várias coisas.”²⁸ As palavras parecem não alcançar. Escreve-se, então, para colocar o significado em deslocamento, fazê-lo girar.

Além disso, só vale na medida em que pretende não dizer alguma coisa, mas dizer o sentido do que ele diz. Ora, a lei da linguagem, tal como se exerce na representação, exclui esta possibilidade; o sentido de uma palavra só pode ser dito por outra palavra que toma a primeira como objeto. Daí esta situação paradoxal [...]. De uma certa maneira, todas as coisas falam e têm um sentido, *com a condição que a palavra seja também, ao mesmo tempo, o que se cala, ou, antes, que o sentido seja o que se cala na palavra.*²⁹

As fissuras no corpo e na linguagem. A realidade da palavra, da letra lida. (Penso agora na Stella do Patrocínio e sua palavra viva na boca, raramente escrita — quando escrita, rejeitada. A palavra pertencente a ela, parte dela, mantém-se dentro dela). “A escrita, a letra, está no real” e o significante pertence ao simbólico, distingue Lacan.³⁰ Mas e quando o real se torna indiscernível?

²⁵ Jacques Lacan, *O seminário, livro 10: a angústia*, 2005, p. 74.

²⁶ Rogério Duarte, “O naufrago da barca tropicalista. Entrevista por Adélia Borges”, 2008, p. 183.

²⁷ Rogério Duarte, “A grande porta do medo”, 2008, p. 84.

²⁸ Gilles Deleuze, *Diferença e repetição*, 2018, p. 244.

²⁹ *Ibidem*, p. 243. Em negrito, grifo meu.

³⁰ Jacques Lacan, *O seminário, livro 18: de um discurso que não seria do semblante*, 2009, p. 110

Indecifrável? Quando se transbordam as margens, se afunda o litoral da palavra? “Ele suportava cada vez menos as palavras”,³¹ escreve Deleuze no texto “O esgotado”, sobre a obra de Samuel Beckett:

E sabia, desde o início, a razão pela qual devia suportá-las cada vez menos: a dificuldade particular de “esburacar” a superfície da linguagem para que finalmente aparecesse “o que se esconde atrás”. Isso pode ser feito na superfície da tela pintada, como Rembrandt, Cézanne ou Van Velde, na superfície do som, como Beethoven ou Schubert, para que enfim surja o vazio ou o visível em si, o silêncio ou o audível em si. Mas “haveria uma única razão para que a superfície da palavra, terrivelmente tangível, não possa ser dissolvida?” Não é apenas que as palavras sejam mentirosas; elas estão tão sobrecarregadas de cálculos e de significações, e também de intenções e de lembranças pessoais, de velhos hábitos que as cimentam, que a sua superfície, tão logo fendida, se fecha. Ela cola. Ela nos aprisiona e sufoca.³²

No depoimento “A grande porta do medo”, relata Rogério Duarte: “Agora me lembrei de Jean Genet. Como é que se pode ter a morte na alma se a alma não existe? Há somente o corpo e seus desvãos.”³³

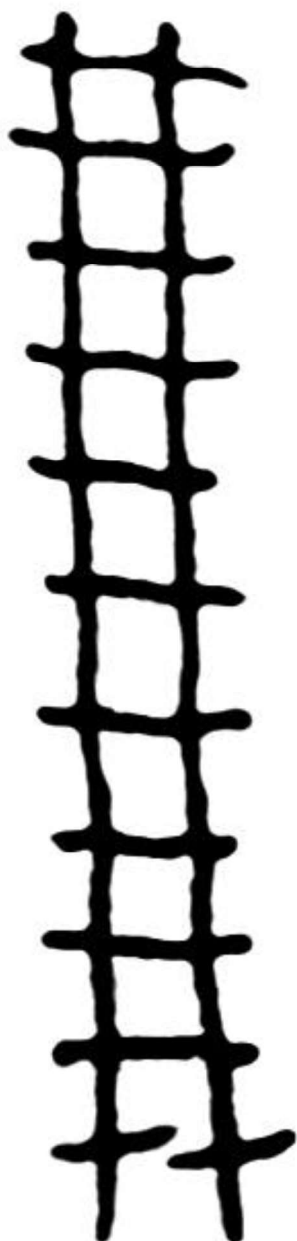


“O horizonte de convergência está num caos”. Encontro essa frase perdida no fim desse arquivo. Deleuze. Não lembro o que pretendia fazer com ela, nem lembro dela. Anoto em um *post-ít* e colo na parede. Faço também um novo lembrete com uma anotação que encontrei nos cadernos de doutorado: gerar acontecimentos antes que a escuridão nos consuma.

³¹ Giles Deleuze, *Sobre o teatro: um manifesto de menos & O esgotado*, 2010, 88%.

³² *Ibidem*, 2010, 88%.

³³ Rogério Duarte, “A grande porta do medo”, 2008, p. 61.



Epílogo

Por onde eu posso começar? O prédio tinha goteiras há tanto tempo que a chuva já havia cavado espaço entre as tábuas do piso, atravessado o forro e pingando dentro de um pote de iogurte grego vazio sobre a mesa escura de madeira. Não chovia. O atendente riu, é a água acumulada na estrutura, um lençol freático sobre nossas cabeças, disse.

*um dia você se levanta
e tudo é
desnível falha
abstração
uma voz muito próxima
falando uma língua desconhecida*

*um dia você
acorda bem cedo
chove e
tudo escurece*

*depois todos saíam de seus quartos
como se nada tivesse acontecido*

Annita Costa Malufe, *Ensaio para casa vazia*

Referências

- BARRETO, Lima. *Diário do hospício & O cemitério dos vivos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BERT, Jean-François. O bloco dos sem-razão, *Revista Serrote*, n. 26, São Paulo, Instituto Moreira Salles, 2017.
- DELEUZE, Giles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.
- DELEUZE, Giles. *Francis Bacon: a lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- DELEUZE, Giles. *Sobre o teatro: um manifesto de menos & O esgotado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- DUARTE, Rogério. A grande porta do medo. In: DUARTE, Rogério; COHN, Sérgio (Orgs.). *Rogério Duarte*. Rio de Janeiro: Azougue, 2008. p. 53-90.
- DUARTE, Rogério. A tropicália reprimida. Entrevista por Pedro Alexandre Sanchez. In: DUARTE, Rogério; COHN, Sérgio (Orgs.). *Rogério Duarte*. Rio de Janeiro: Azougue, 2008. p. 214-219.
- DUARTE, Rogério. O naufrago da barca tropicalista. Entrevista por Adélia Borges. In: DUARTE, Rogério; COHN, Sérgio (Orgs.). *Rogério Duarte*. Rio de Janeiro: Azougue, 2008. p. 178-185.
- DUARTE, Rogério. O retorno do maravilhoso. Entrevista por Sergio Cohn e Mariana Rosa. In: DUARTE, Rogério; COHN, Sérgio (Orgs.). *Rogério Duarte*. Rio de Janeiro: Azougue, 2008. p.202-213.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 18: de um discurso que não seria do semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- LAPOUJADE, David. *Existências mínimas*. São Paulo: n-1, 2017.

Referência para citação deste ensaio visual

SALOMÃO, Omar. Tentativa II. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 3, número 1, p. 446 – 459, maio de 2021.